

A VIDA EM PRETO E BRANCO: LEITURA POSSÍVEL DE “OS JOGADORES DE XADREZ” DE RICARDO REIS

THE LIFE IN BLACK AND WHITE: A POSSIBLE READING OF “OS JOGADORES DE XADREZ” BY RICARDO REIS

Maria Teresa Salgado^{*}
Rogério Athayde^{**}

Resumo

Leitura da ode de Ricardo Reis, “Os jogadores de xadrez”, com o uso pontual dos conceitos *desassossego* e *desconcerto*. O primeiro por ser próprio da fissura entre o “eu” e o “eu mesmo”. Fissura sem recurso e sem salvamento, que o desejo de alhear-se confirma e sustenta. O segundo pela renúncia ao mundo perverso, à recusa sofrida de encarar a realidade dura demais da guerra insana e da morte insensata do melhor amigo.

Palavras-chave: Ricardo Reis; Ode “Os jogadores de xadrez”; Desassossego; Jogo; Alheamento.

Abstract

This is a reading of the ode “Os jogadores de xadrez” by Ricardo Reis, with the punctual use of concepts of “restlessness” and “disconcert”. The first because it is itself the fissure between “I” and “myself”. Fissure without recourse or rescue that is confirmed and sustained by the desire to alienate itself. The second because of the renunciation of the wicked world and of the suffered refusal to face the too harsh reality of the insane war and the senseless death of best friend.

Keywords: Ricardo Reis; Ode “Os jogadores de xadrez”; Restlessness; Game; Alienation.

Em 1994 foi descoberta e divulgada, com algum interesse e confusão, uma foto antiga, onde aparecem jogando xadrez dois personagens curiosos. Sentados diante de um sóbrio tabuleiro onde as peças brancas e as pretas lutavam sua guerra de inteligência, estavam o ocultista inglês Aleister Crowley, com sua pronunciada calva

^{*} Professora doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

^{**} Mestrando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

brilhante, e Fernando Pessoa, vestindo gabardine, chapéu e indefectíveis óculos e bigodes. O flagrante teria sido feito em 1930 por ocasião da visita do mago famoso a Portugal. Pessoa, sempre interessado por temas esotéricos, recepcionou Crowley em Lisboa e ainda conduziu com ele experiências mágicas.

O que veio a se descobrir depois da divulgação da imagem é que, apesar do encontro entre os dois ter ocorrido, o homem da foto não era Pessoa. Análises mais cuidadosas, levadas a cabo pelo pesquisador Marco Pasi (2009) da Universidade de Amsterdã, revelaram a identidade do adversário de Crowley como sendo de um tal Robert Starr, ilustre desconhecido, súdito de Sua Real Majestade Britânica.

Esta estória, de todo estranha, não parece ter qualquer interesse. O próprio Pasi, entre frustrado e risonho, diz que “era apenas justo ter uma fotografia do homem que nunca existiu a jogar um jogo de xadrez que nunca aconteceu, com um homem que foi demasiado” (PASI, 2009). E quem sabe ainda fosse possível acrescentar ao rol dessas esquisitices que, não bastasse Fernando Pessoa ter se multiplicado em heterônimos, ainda possuía um sócia em Londres que jogava tranquilo o xadrez com Aleister Crowley. Coisas que a magia talvez explicasse.

A foto, porém, não chega a ser um engano completo. Afinal era um jogo. E jogo de xadrez, como é de se supor, exige algo de bastante conhecido dos oponentes que tentam a vitória: ou seja, um tanto de atenção e outro tanto mais de agudeza. Fernando Pessoa não está ali, fixado na imagem em branco e preto, mexendo as peças de marfim de igual coloração. Não é sabido também se foi enxadrista de maior ou menor interesse, que tenha um dia se importado com o destino de bispos, peões ou reis no pequeno quadrado bicolor. Mas foi com o tema do antigo jogo persa que deixou conhecer aspectos significativos de seu heterônimo Ricardo Reis e ainda outras suas ortônimas angústias diante da morte assassina e dos tempos de guerra injustificada.

Ricardo Reis era homem do Porto. Educado por jesuítas, médico, talvez por conveniência, monarquista, quem sabe se por convicção ou teimosia, e poeta, por necessidade, como geralmente são todos os poetas. Escreveu odes inspiradas pelo mestre de tantos outros versejadores, Alberto Caeiro. Dele trazia consigo a convicção epicurista de que a felicidade está guardada em coisas simples, que o gosto de um dia fugaz e bem aproveitado supera qualquer exagero da alma e que a ataraxia militante é uma alegria maior, que nem os nirvanas budistas conseguem promover. Porém, e com a

mesma singeleza, Reis parece desencantado com o mundo, como se não houvesse qualquer saída, nem o isolamento bucólico, nem o desinteresse cego à vida mundana.

Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles

Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada ‘spera
Tudo que vem é grato.

(REIS *apud* BERARDINELLI, 2012)

E, por não haver a angústia do desejo, terá lugar a satisfação de sua ausência; e, por ser tão pequena a vontade e a expectativa, qualquer dádiva será suficiente; e, por haver-se simplória a vida, sem fama ou riqueza, conquistará quase às avessas a felicidade. Então o desprendimento de Ricardo Reis padeceria de um mal maior: o de saber ser impossível qualquer esforço para tornar a experiência de viver mais que suportável. É assim que Maria Helena Nery Garcez parece tratar a questão no momento em que, lembrando a primeira ode, sugere que Reis realiza uma “conversa confidencial” com Caeiro (GARCEZ, 1990).

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas o decorrê-la,

Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

(REIS *apud* BERARDINELLI, 2012)

Segundo Garcez (1990), Ricardo Reis teria esposado alguns dos temas mais importantes de sua poética nesta primeira ode, como um anúncio ou declaração de princípios. Entre outras interpretações, é possível dizer que Reis cria uma imagem de alheamento talvez impossível de alcançar, imagem de renúncia à humana condição e elogio à natureza, como se pura estivesse sem os olhos do homem. As expressões “tranquilos”, “plácidos”, que se repetem e multiplicam em outros versos de outras odes com “paz”, “sossego”, “descanso”, “serenidade”, ou ainda, como mais adiante lemos, “Molhemos leves/ As nossas mãos/ Nos rios calmos,/ Para aprendermos/ Calma também” (REIS *apud* BERARDINELLI, 2012), reforçam a ideia de uma identificação ontológica com a natureza como fórmula para o bem viver.

Mas, ainda assim, a humanidade padece de si mesma e do tempo, que é sua inexorável e irretorquível condição natural. A maneira como sua passagem é sentida, porém, torna-se relativa em conformidade com o seu uso. Por isso, o verbo flexionado “perder” trata da possibilidade de fazer bom ou mau proveito do tempo, e de resto tudo o mais que na vida se nos apresente. Garcez informa que provavelmente este é o “principal esteio semântico da problemática de suas odes” (GARCEZ, 1990).

De tal modo o constituem que nelas tudo se passa em torno do que nos é tirado ou deixado, permitindo ou solicitando que sua poesia seja lida como um jogo, um grande e contínuo jogo que este heterônimo (e nele todos os homens) joga e no qual está em causa a própria vida” (GARCEZ,1990).

Como perder e ganhar são condições de quem joga, e como o divertimento do jogo é só uma forma distraída de experimentar a vida como metáfora, a imagem de dois atentos enxadristas diante de seu tabuleiro pode bem servir como programa filosófico. Ricardo Reis explora alguns de seus temas recorrentes na única ode nomeada, a famosa e adorável “Os jogadores de xadrez”. Mas, além disso, outro tanto de suas angústias existenciais, próprias ou ortônimas, surge ali de maneira reveladora, ampliando os

mecanismos que pode possuir o poema, ao deixar entrever, quando o desejo é fazer esconderijo.

“Os jogadores de xadrez” é poema longo, com forte apelo narrativo. Sua estória gira em torno de uma antiga lenda persa. Conta ela que dois jogadores, diante do tabuleiro bicolor, não veem mais que o drama de seus personagens de marfim. Enquanto jogavam seu jogo imperturbável embaixo das árvores de generosa sombra, a cidade, bem perto dali, sofria a fúria demente da guerra. Podiam os dois alheados ouvir gritos e gemidos, quem sabe pressentir o desespero e horror dos seus. Entretanto, nada abalava a vontade graciosa de estender a mão em um gesto macio por sobre o pequeno quadriculado, arrastar a peça amada e avançar contra o adversário empedernido. Ah, o xeque! A morte do rei! Mas, antes que fosse possível derrotar as brancas ou as pretas, os ferros soldados do exército invasor encontram os jogadores, que morrem morte bárbara no fio de suas espadas sanhudas. Esta é a paráfrase, humilde e sem maiores acréscimos. Bonito é ver o que o Reis fez com isso.

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia
Tinha não sei qual guerra,
Quando a invasão ardia na Cidade
E as mulheres gritavam,
Dois jogadores de xadrez jogavam
O seu jogo contínuo.
À sombra de ampla árvore fitavam
O tabuleiro antigo,
E, ao lado de cada um, esperando os seus
Momentos mais folgados,
Quando havia movido a pedra, e agora
Esperava o adversário.
Um púcaro com vinho refrescava
A sua sóbria sede.
Ardiam casas, saqueadas eram
As arcas e as paredes,
Violadas, as mulheres eram postas
Contra os muros caídos,
Traspassadas de lanças, as crianças
Eram sangue nas ruas...
Mas onde estavam, perto da cidade,
E longe do seu ruído,
Os jogadores de xadrez jogavam
O jogo de xadrez.
Inda que nas mensagens do ermo vento
Lhes viessem os gritos,
E, ao refletir, soubessem com acerto
Que por certo as mulheres

E as tenras filhas violadas eram
Nessa distância próxima,
Inda que, no momento que o pensavam,
Uma sombra ligeira
Lhes passasse na frente alheada e vaga,
Breve seus olhos calmos
Volviam sua atenta confiança
Ao tabuleiro velho.
Quando o rei de marfim está em perigo,
Que importa a carne e o osso
Das irmãs e das mães e das crianças?
Quando a torre não cobre
A retirada da rainha branca,
O saque pouco importa.
E quando a mão confiada leva o xeque
Ao rei do adversário,
Pouco pesa na alma que lá longe
Estejam morrendo filhos.
Mesmo que, de repente, sobre o muro
Surja a sanhuda face
Dum guerreiro invasor, e breve deva
Em sangue ali cair
O jogador solene de xadrez,
O momento antes desse
É ainda entregue ao jogo predileto
Dos grandes indiferentes.
Caíam cidades, sofram povos, cesse
A liberdade e a vida.
Os haveres tranquilos e avitos
Ardem e que se arranquem,
Mas quando a guerra os jogos interrompa,
Esteja o rei sem xeque,
E o de marfim peão mais avançado
Pronto a comprar a torre.
Meus irmãos em amarmos Epicuro
E o entendermos mais
De acordo com nós-próprios que com ele,
Aprendamos na história
Dos calmos jogadores de xadrez
Como passar a vida.
Tudo o que é sério pouco nos importe,
O grave pouco pese,
O natural impulso dos instintos
Que ceda ao inútil gozo
(Sob a sombra tranquila do arvoredor)
De jogar um bom jogo.
O que levamos desta vida inútil
Tanto vale se é
A glória, a fama, o amor, a ciência, a vida,
Como se fosse apenas
A memória de um jogo bem jogado
E uma partida ganha
A um jogador melhor.

A glória pesa como um fardo rico,
A fama como a febre,
O amor cansa, porque é a sério e busca,
A ciência nunca encontra,
E a vida passa e dói porque o conhece...
O jogo do xadrez
Prende a alma toda, mas, perdido, pouco
Pesa, pois não é nada.
Ah! sob as sombras que sem qu'rer nos amam,
Com um púcaro de vinho
Ao lado, e atentos só à inútil faina
Do jogo do xadrez
Mesmo que o jogo seja apenas sonho
E não haja parceiro,
Imitemos os persas desta história,
E, enquanto lá fora,
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida
Chamam por nós, deixemos
Que em vão nos chamem, cada um de nós
Sob as sombras amigas
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez
A sua indiferença.

(REIS *apud* BERARDINELLI, 2012)

O poema é longo, já foi dito. Por isso vale a tentativa de fracioná-lo em partes para melhor ter dele inteligência. Quatro ao todo. Sendo assim, a primeira é constituída pelas quatro estrofes iniciais, formando um conjunto que talvez se possa enunciar, com alguma simplicidade, como “o conto dos jogadores de xadrez”. Reis inicia a ode com elementos que já deixam revelado o que provavelmente é a palavra-chave de todo o poema: *alheamento*, como forma de fuga, refúgio ou recusa de um mundo mau que se tornou insuportável ao poeta. Assim afirma Lisa Vasconcellos, neste caso particular, quando diz que “frente às intempéries da vida, a poesia se erige como um espaço outro, cujas regras próprias – a do sonho e a do jogo – seguem uma lógica diferente daquela experimentada na vida comum” (VASCONCELLOS, 2012). E, de fato, o bom discípulo de Caeiro dá sinais muito evidentes de renúncia à realidade, quando, já no primeiro verso, diz “Ouvi contar que outrora”. A sentença equivale ao bastante conhecido “era uma vez” dos tradicionais contos de fada das estórias infantis. Reis insiste na fórmula, ambientando a narrativa na exótica Pérsia. Esta referência à antiguidade oriental reforça a sensação de distanciamento, ou melhor, de alheamento que o poema parece desejar. É importante ressaltar, também, que a guerra era uma qualquer (“Tinha não sei qual

guerra”), indistinta e indiferente. Talvez por serem tantas as guerras de um império, ou por serem tantas e sempre tão iguais as guerras dos homens, não importando a época ou suas desrazões.

É de se notar que este é o contexto em que se narra a estória desgraçada dos habitantes da infeliz cidade, saqueada, violentada, ensanguentada por bárbaros invasores de um exército inimigo. O mesmo contexto em que, presos em estado quase hipnótico, “Os jogadores de xadrez jogavam/ O jogo de xadrez” (REIS apud BERARDINELLI, 2012). Imperturbáveis pelo transe brutal que a urbe vizinha sofria, os dois adversários tinham a “frente alheada e vaga” e os “olhos calmos”, atentos somente ao destino colorido em branco e preto de suas peças. Neste caso, faz sentido pensar no jogo – qualquer deles – como simulacro da realidade. O xadrez, em particular, foi criado como um ensaio de estratégia militar sem armas, um exercício de inteligência sem brutalidade e um treinamento de guerra sem sangue. Disciplinado, higiênico e brando.

Huizinga (2008) analisa a existência do jogo como forma essencial de divertimento. Entre outras características elementares, o autor holandês afirma que o jogo é uma instância existencial diferente da vida comum, “tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa” (HUIZINGA, 2008). Ele é capaz de ser compreendido pelo “isolamento e a limitação” que provoca, além de ser “mais que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência: é ‘imaginação’, no sentido original do termo” (HUIZINGA, 2008). Em outras palavras, os jogos – especialmente o xadrez – criam um estado de alheamento tal que a realidade, por maior e mais impositiva que seja, é subtraída por suas lúdicas exigências. Nada mais conveniente para quem deseja estar apartado.

A segunda seção do poema é composta pelas três estrofes seguintes, criando um novo conjunto que poderá ser chamado de “a vida e o jogo”. Aqui a ode avança um tanto a mais em sua disposição de alheamento. A importância das peças do jogo é comparada ao suave desprezo pela vida. Sem ironia, sadismo ou sarcasmo, é bom que se diga, mas talvez com ingenuidade quase infantil: “Quando o rei de marfim está em perigo/ Que importa a carne e o osso/ das irmãs e das mães e das crianças?” (REIS apud BERARDINELLI, 2012). Se vale ainda a insistência nesse ponto, é possível estabelecer os pares opostos: “jogo x vida” e “peças x gentes”. A segunda estrofe desta seção vê surgir a “sanhuda face/ Dum guerreiro invasor” (REIS apud BERARDINELLI, 2012)

que mata o singular “jogador solene”. Então a violência atinge os dois personagens em torno do tabuleiro, que ainda continuavam, até o desfecho fatal de suas vidas, alheios a tudo mais, concentrados apenas naquilo que realmente importava. Porque mais valem os jogos de xadrez que os jogos de guerra dos homens.

A terceira parte vem com as outras quatro estrofes posteriores e bem deveria ser nomeada como “a lição epicurista”. Voltando aos contos de fadas, Ricardo Reis parece querer encontrar uma “moral da estória” a partir do triste destino dos enxadristas assassinados. Para isso, chama em seu socorro o grego Epicuro, que ensinava a regra para bem viver através do equilíbrio, da simplicidade e do prazer das pequenas coisas.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano. [...] Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes (EPICURO, 2002).

Sem excessos, sem exageros, moderando nossa vontade e ajustando o prazer a uma existência possível e feliz. Reis adota esta filosofia com uma rápida sentença: “Tudo o que é sério pouco nos importe” (REIS apud BERARDINELLI, 2012). Então o que à maioria é o fundamento e ambição de qualquer ideia elementar de felicidade não passa de “vida inútil”, porque a glória é fardo, a fama é febre, o amor exaure, a ciência é inatingível e a própria vida é fugaz e dolorosa. Por isso, jogar o jogo de xadrez é como buscar uma forma de viver tranquilo. Mesmo sendo o bom jogo um “inútil gozo” – ou por esta mesma razão – o xadrez é um doce alheamento que favorece a prática epicurista. “O jogo de xadrez/ Prende a alma toda, mas, perdido, pouco/ Pesa, pois não é nada” (REIS apud BERARDINELLI, 2012). Porque afinal, sendo vida ou jogo, nada importa.

Por último, a quarta parte, coincidente com os versos finais, funciona à maneira de conclusão, podendo ter o título de “Imitemos os persas”. Reis, quem sabe tornando ainda mais incisivo o desejo de uma “moral da estória”, conclui sua ode, convocando todos a imitemos os jogadores de xadrez da antiga lenda. E o convite parece mesmo sedutor. Jogavam seu jogo os dois indiferentes, sempre acompanhados de um sóbrio púcaro de vinho e a fresca proteção das árvores amigas (“sombra de ampla árvore”; “a sombra tranquila do arvoredo”; “sombras amigas”; “sob as sombras que sem querer nos

amam”). Renunciavam ao chamamento urgente e orgulhoso da guerra, da pátria e da vida em favor do prazer simples e passageiro do jogo brando de xadrez. Essa, certamente, é uma imagem serena de felicidade. Então, a boa conduta é não se deixar contaminar pelas coisas do mundo, que afinal só trazem violência, frustração e tristeza. E o alheamento, consciente do que abandona, é o único recurso para alcançar a plenitude.

Mas não foi essa a única vez que o tema do alheamento esteve presente na obra de Fernando Pessoa e seus heterônimos. Para ficar apenas com um exemplo bem conhecido, quando da primeira publicação de fragmentos do *Livro do Desassossego*, o ajudante de guarda-livros lisboeta, o senhor Bernardo Soares, deu ao volume o título provisório de “Na Floresta do Alheamento”, sugerindo sua muito particular angústia em relação aos temores de uma vida medíocre. Na introdução, publicada pela Companhia das Letras em 2011, Soares dá conta inúmeras vezes do tema. Logo no início diz que

A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta senão, como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino? [...] E, assim, alheios à solenidade de todos os mundos, indiferentes ao divino e desprezadores do humano, entregamo-nos futilmente à sensação sem propósito, cultivada num epicurismo subtilizado, como convém aos nossos nervos cerebrais (SOARES, 2011).

É de se notar os temas da renúncia e do alheamento, da contemplação e do epicurismo, da indiferença e do desprezo associados à crítica a uma vida comum, desprovida de qualquer sutileza estética ou inspiração superior pelos bons e reais valores. A ideia de desperdiçar uma vida inteira com assuntos da vulgaridade mundana parecia desesperar Soares. O aflito guardador de livros morava e trabalhava na mesma Rua dos Douradores, o que favorecia a representação de sua própria existência em pares opostos: Trabalho e Casa, Vida e Arte. A tensão ou desassossego entre a vida acanhada do burocrata e a invenção criativa que só a Arte proporcionava expressa, assim, seu muito particular incômodo: “Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual” (SOARES, 2011).

Deriva daí a possibilidade de uso teórico da expressão *desassossego* como forma de encaminhar uma possível leitura de “Os jogadores de xadrez”. Justificaria essa

abordagem a aproximação semântica – ou quem sabe hermenêutica – dos modos em que se expressam comuns o princípio de *alheamento* na ode de Ricardo Reis e no Livro do Desassossego, de Bernardo Soares. Novamente segundo Lisa Vasconcellos, haveria na imagem dos dois jogadores alheados elementos suficientes de “recusa e refúgio” ao mundo para que um certo desassossego da alma se encontrasse, da mesma forma que é confessada pelo angustiado morador da Rua dos Douradores (VASCONCELLOS, 2012). O *desassossego*, portanto, fala de uma inquietude consigo mesmo, uma insatisfação em se ver incompleto ou da angústia de não reconhecer o mundo como um ambiente possível para uma existência feliz. Assim, o *alheamento* como saída. Mas então é neste ponto particular que a extensão da análise demanda o socorro de outro recurso teórico complementar, nomeadamente o *desconcerto do mundo*.

Segismundo Spina lembra a importância do tema do desconcerto na história da literatura em geral e da portuguesa em particular. A percepção de um “mundo às avessas” (*florebat olim*) criaria o desejo de fuga da realidade e a construção de uma utopia redentora. Spina afirma que o desconcerto “é a expressão de um descontentamento com as coisas do mundo contemporâneo” (SPINA, 1956), que ora indica a degeneração moral, ora aponta para o fim escatológico e seus sinais.

Já sabemos o que conta a história dos jogadores diante de seu tabuleiro. Conhecemos seu desejo de renúncia e sua indiferença ao que parecia ser urgente. Salvarem suas próprias vidas com o tropel desesperado da fuga pareceu ser indigna solução para uma existência sábia, por ser alheia à mediocridade da guerra e o tolo amor à pátria. Reis, porém, calou sobre outros assuntos. E por não ter deles pronunciado palavra, disse mais que muitos volumes de prosa ou verso confessionais seriam capazes de preencher.

1916 não foi um bom ano para Fernando Pessoa. Em dezembro do ano anterior, sua mãe, Dona Maria Madalena, na época residindo em Pretória, sofreu um ataque apoplético que lhe paralisou o corpo quase inteiro por um tempo e fez toda a família pensar na iminência de sua morte. Em Portugal, Pessoa acompanhava por cartas a evolução do quadro de saúde de sua mãe e as angústias de seu amigo querido Sá-Carneiro, nesta ocasião morando em Paris. Dele pôde ler as notícias pouco felizes de que padecia de algo semelhante à depressão e à loucura. “Porque creia, meu pobre Amigo: *eu estou doido*. [...] O Sá-Carneiro está doido. [...] Agora só o manicômio.

Sabe?” Em 31 de março, o amigo manda da França mais papéis de correspondência desesperada. Dessa vez informa que porá fim à própria vida com uma “forte dose de estricnina e desaparecerá deste mundo” (CRESPO, 1990).

Além desses eventos íntimos, poucos dias antes (03 de março de 1916), a jovem república portuguesa anunciava, audaciosa, sua entrada no cenário da Grande Guerra que virava a infeliz Europa de ponta-cabeça. As razões lusitanas foram quase patéticas e por inteiro insensatas: Portugal desejava o respeito de seus pares continentais. Falava também da ameaça germânica às colônias africanas e ao livre comércio; proclamava um nacionalismo anacrônico e àquela hora sem justificativa plausível. Mas o que interessava à imatura república ibérica era o reconhecimento internacional. A tolice mandou para as trincheiras milhares e milhares de jovens soldados portugueses, retornados, mais tarde, sem glória. Perderam os lusos, mesmo tendo lutado ao lado dos vitoriosos.

Em vinte e sete de abril de 1916, Mário de Sá-Carneiro – talvez o único amigo e interlocutor de Pessoa – cumpre a promessa de sua carta suicida: veste roupas de sair, arruma suas coisas e bebe cinco vidros de estricnina, encerrando sua vida breve de vinte e seis anos em brevíssimos vinte minutos (CRESPO, 1990). Será impossível saber exatamente o estado de ânimo em que se viu Pessoa quando a notícia chegou; porque sempre será impossível saber dessas coisas. Mas, para além de qualquer investimento biográfico ou reflexões de vaga filosofia, o fato é que é provável ter o Reis deixado alguns vestígios do humor daqueles dias escuros.

A ode “Os jogadores de xadrez” data do dia 1º de junho de 1916, portanto, em meio aos transe da conturbada vida política portuguesa e europeia que tinham a guerra como cenário e a demência como personagem. Além disso, é o primeiro poema escrito após a morte de Mário de Sá-Carneiro. Então, mesmo correndo o risco de cometer os erros de uma fraca psicologia, a leitura da ode de Ricardo Reis ganha novo entendimento. Toda a recusa repetida aos horrores da guerra, toda a renúncia aos apelos feitos pela pátria, todo o alheamento necessário para sobreviver à loucura da violência, todos aqueles versos que contavam estória da fábula distante falavam, então, secretamente do *desassossego* e do *desconcerto* diante de dias de agonia sem trégua. Os versos, no limite de uma narrativa poética, brincam com o ambiente fantástico dos contos de fadas e a brandura dos jogos de passatempos. Ambos constituem

inquestionável desejo de fuga da realidade e, simultaneamente, recuo ao conforto, ingenuidade e pureza associadas à infância. Por que pensar na guerra quando podemos jogar sem risco? Por que morrer o melhor amigo – morte desejada com planejamento suicida – quando podemos seguir brincando nossas brincadeiras de criança?

E talvez não seja absurdo pensar que o Reis lembrou da morte de Sá-Carneiro e escondeu essa sua lembrança no meio das palavras, como um divertimento secreto ou uma tristeza guardada. Sendo assim, quando o “guerreiro invasor” de “sanhuda face” chega com desejo assassino, a morte dos dois então é estranhamente singular: “Em sangue ali cair/ O jogador solene de xadrez” (REIS apud BERARDINELLI, 2012). Mais adiante, quando ao final se despede da ode, o poeta canta “Mesmo que o jogo seja apenas sonho/ E não haja parceiro”. Ora, não será necessário lembrar o gênio pouco comparável de Fernando Pessoa e seus heterônimos. Portanto, não será preciso dizer que não teria passado despercebida a troca elementaríssima de um plural por um singular se não fosse essa a sua vontade. Para Reis, para Pessoa e provavelmente para qualquer outro seu eu multiplicado, apenas um dos jogadores morreu, contrariando toda a lógica – se é que ela ainda tivesse intenção de se defender.

O alheamento que serve de fio condutor desta singela tentativa de leitura da ode de Ricardo Reis, sabidamente “Os jogadores de xadrez”, pode ser melhor aproveitado com o uso pontual dos conceitos *desassossego* e *desconcerto*. O primeiro por ser próprio da fissura entre o “eu” e o “eu mesmo”. Fissura sem recurso e sem salvamento, que o desejo de alhear-se confirma e sustenta. O segundo pela renúncia ao mundo perverso, à recusa sofrida de encarar a realidade dura demais da guerra insana e da morte insensata do melhor amigo.

No mais, quem dera se outros de nós pudessem assim responder com arte quando a morte, a estupidez e a fúria desonrosa fazem seu feio teatro. Não valeriam as fotografias, reais ou enganosas, para registrar qualquer memória; e a vida deixaria de ser o cenário desvalido em preto e branco para ganhar cores de poesia.

REFERÊNCIAS

- BERARDINELLI, Cleonice (Org.). **Fernando Pessoa: antologia poética**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- CRESPO, Ángel. **A vida plural de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FRANCO, Marcia Arruda. Desconcerto do mundo. In: **Dicionário de Luís de Camões**. Lisboa: Editora Leya, 2011, p. 313-316.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. **O tabuleiro antigo**: Uma leitura de heterônimo Ricardo Reis. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- MOISÉS, Leyla Perrone. Fernando Pessoa e o mal-estar na civilização. In: SANTOS, Gilda (Org.). **Colóquio Fernando Pessoa, outra vez te revejo**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2006. p. 173-184.
- PASI, Marco. “Ouvi contar que outrora”: A misteriosa fotografia de um jogo de xadrez que nunca aconteceu. In: **Um Fernando Pessoa**, junho de 2009. Disponível em: <<http://blog.umfernandopessoa.com/2009/06/ouvi-contar-que-outrora-misteriosa.html>>. Acesso em: 08 set. 2014.
- SOARES, Bernardo. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SPINA, Segismundo. **Florebat olim...** Investigação do tópico do “mundo às avessas” na literatura portuguesa. In: *Revista de História da USP*, n. 27/ 3. trimestre, 1956, p. 73-80.
- VASCONCELLOS, Lisa. Ricardo Reis, poeta engajado. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** – Dossiê n. 12, novembro de 2012, p. 110-120.